

O MANEJO DE VACINAS EM SUÍNOS

INTRODUÇÃO

A sobrevivência e o desempenho dos leitões é em muito influenciado pela recepção de imunidade passiva (colostró) e pela sua capacidade de desenvolver a imunidade ativa - reação do organismo dos leitões a agentes externos (antígenos).

O manejo, desde o nascimento do leitão, até a utilização de vacinas injetáveis, determinará o sucesso da formação dos anticorpos (defesas), necessários para o equilíbrio sanitário e de desempenho.

IMUNIDADE PASSIVA (COLOSTRO)

Nos suínos, os anticorpos desenvolvidos não são transmitidos aos leitões via placenta, fazendo com que nasçam, praticamente sem defesas. Desta forma são dependentes do colostro, que é o leite presente nos primeiros dias de lactação. Sendo assim, o leitão que, por alguma causa não mamar o colostro, reduz praticamente a zero, as suas chances de sobrevivência.

Outro fator fundamental é a capacidade de absorção do colostro. Quando o leitão nasce, a mucosa intestinal está capacitada para absorver macromoléculas como o colostro, bem como as bactérias (falta de seletividade). A maior capacidade de absorção ocorre nas primeiras 24 horas, portanto garantir que todos os leitões mamem a maior quantidade possível de colostro é fundamental, no primeiro dia de vida. Os leitões leves (< 1,0 Kg), devem receber um manejo especial, com fornecimento de colostro, ordenhado das fêmeas, e fornecido através de mamadeira, formando assim, o conhecido "banco de leite".

IMUNIDADE ATIVA

O período de proteção colostrá é variável, conforme o agente envolvido, e a capacidade induzida ou natural da fêmea em produzir os anticorpos, podendo chegar até seis meses de idade, como no caso da Parvovirose.

- Nos leitões:

A imunidade ativa, nos leitões, é induzida através das vacinas. As vacinas são aplicadas durante a lactação, ou no período de creche, principalmente visando à proteção

para as doenças respiratórias (Pneumonia enzoótica, Pleuropneumonia e Rinite Atrófica).

O que preocupa é o período em que são aplicadas as vacinas. A orientação que chega nas granjas é aplicar a vacina, aproveitando os manejos como castração e desmame. Justamente nos períodos mais críticos da vida do leitão, em situações de máximo estresse, onde a capacidade de reação aos antígenos da vacina, está limitada, o que provocará uma diminuição da produção de anticorpos, reduzindo a eficácia da vacina.

Embora cause aumento de mão-de-obra e não haja apoio por parte do pessoal de granja, tais períodos críticos deveriam ser evitados, para garantir o sucesso da vacinação.

- Nas leitoas ou marrãs:

Esta é uma fase muito especial , onde requer maiores cuidados, visto que, a leitoa de reposição chega de uma outra origem , podendo portar agentes microbianos diferentes daqueles já instalados no plantel ou , ao contrário, encontrar na granja de destino, desafios diferentes, os quais não trás nenhuma imunidade (anticorpos).

Assim sendo, é necessário imunizar a leitoa com duas doses de vacina, com intervalo entre doses de no mínimo 15 dias. Este manejo é válido para todas as doenças. A primeira dose sensibiliza o organismo , e a segunda é responsável pela resposta definitiva, que determina a quantidade de anticorpos que foram produzidos em resposta à vacina.

PARVOVIROSE

Além das duas doses de vacina, é recomendado o uso de placentas como reforço da imunidade. As placentas devem ser fornecidas misturadas à ração, no momento do arraçoamento. De preferência, as placentas devem ser de segundo ao quinto parto. Placentas de primeiro parto são pouco infectadas, e não induzem a produção de anticorpos necessária. Acima de cinco partos, a infecção é excessiva, podendo trazer efeitos não desejados a saúde das leitoas.

A prática deve ser realizada á partir dos 180 dias de idade das leitoas, até o momento da cobertura.

Quanto às vacinas convencionais, para a Parvovirose, aplicar também com 180 dias, a primeira dose, e 15 dias após, a segunda. Esta idade mínima é importante devido à duração da imunidade passiva (colostró), que dura aproximadamente 06 meses, a qual pode neutralizar os antígenos vacinais. Outro detalhe importante, é que a leitoa deve estar imunizada obrigatoriamente antes da cobertura, pois o vírus da parvovirose atua, assim que ocorre a fecundação. Portanto a segunda dose deve obedecer ao prazo de 15 dias antes da cobertura.

A utilização das placentas, além de melhorar a imunidade, contra a parvovirose, imuniza também para outras doenças, como o vírus do tremor congênito, presente nas

nossas criações.

Nas porcas (a partir do primeiro parto):

Nas porcas deve ser feita a dose de manutenção, em torno de 85 a 100 dias de gestação, período necessário para a produção dos anticorpos, que passarão via colostro para os leitões.

No caso especial da parvovirose, a manutenção é feita durante a lactação, entre o sétimo e o décimo dia, visando haver o tempo necessário para a produção de anticorpos, antes da próxima cobertura.

As principais doenças, para as quais se praticam a vacinação são as seguintes:

- Parvovirose, Leptospirose, Erisipelose, Colibacilose, Micoplasmose, Pleuropneumonia, e Rinite Atrófica.
- Algumas ainda vacinam para Doença de Glasser, Streptococcus suis e em casos específicos para a Doença de Aujeszky.

VANTAGENS E DESVANTAGENS DO USO DAS VACINAS AUTÓGENAS X CONVENCIONAIS

Tipo de vacina:	Vantagens:	Desvantagens:
Autógena:	⇒Utiliza agentes microbianos particulares de cada granja, melhorando o controle das doenças pela maior especificidade da vacina. ⇒Menor custo de aquisição.	⇒Aumenta a mão-de-obra para coleta e remessa de material para os laboratórios especializados. ⇒Poucos laboratórios especializados disponíveis, em regiões de maior produção de suínos.
Convencional:	⇒Facilidade na obtenção da vacina, já pronta para uso.	⇒Trabalha com agentes microbianos não específicos da granja que está usando a vacina, podendo reduzir a eficácia da mesma. ⇒Maior custo de aquisição.

Obs: A decisão do uso de vacinas autógenas ou convencionais depende de uma análise de custo/benefício específico de cada granja.

Fonte: Departamento Técnico Nuvital